

O ESTUDO DA EXPERIÊNCIA DE FRAXINETUM COMO PONTO DE PARTIDA PARA PENSAR UMA
HISTÓRIA CONECTADA DO MEDITERRÂNEO NA ALTA IDADE MÉDIA

THE STUDY OF THE FRAXINETUM EXPERIENCE AS A STARTING POINT FOR THINKING ABOUT A CONNECTED HISTORY
OF THE MEDITERRANEAN IN THE EARLY MIDDLE AGES

DISCUSSÃO DE ARTIGO:

BALLAN, MOHAMMAD. FRAXINETUM: AN ISLAMIC FRONTIER STATE IN TENTH-CENTURY PROVENCE.
COMITATUS, 41, p. 23-76, 2010.

Bruno Tadeu Salles*
salles_bruno003@yahoo.fr

Marina de Oliveira Carvalho**
ni_carvalho@yahoo.com.br

Tomamos contato com o artigo do professor Mohamad Ballan, pela primeira vez, entre os anos de 2017 e 2018, ao prepararmos um curso de História Mediterrânica na Universidade Federal de Ouro Preto. A ideia de um Mediterrâneo conectado orientou nosso levantamento bibliográfico e nos levou a publicações interessantes, como a coletânea acerca das heranças árabes-islâmicas na Europa Mediterrânica. A contribuição de Michel Lawers (2015) à coletânea nos apresentou a perspectiva de Ballan. O artigo era caracterizado por Lawers como uma proposta de compreensão de Fraxinetum em sua condição de um Estado de Fronteira, com uma ligação estreita com a Andaluzia.

A interessante proposição de pensar Fraxinetum como um Estado de Fronteira islâmico salientaria que o esforço guerreiro da *Jihād* e as atividades comerciais e agrícolas, bem como outras interações com os vizinhos cristãos, empreendidas pelos *ghāzīs* – guerreiros de fronteira islâmicos – não se colocariam em campos antagônicos. A conjunção desses fatores, analisados à luz do avanço dos estudos sobre o Mediterrâneo na Alta Idade Média e da ampliação das fontes, sustentaria a complexidade de Fraxinetum. Este estabelecimento formaria um significativo ponto de intercessão e conexão nos séculos IX e X. Logo, a visão de um ninho de piratas, tal como as historiografias dos séculos XIX e XX consideravam, se

* Doutor em História pela Universidade Federal de Minas Gerais. É professor de História Medieval da Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e membro do Laboratório de Estudos Medievais (LEME).

** Graduanda pela Universidade Federal de Ouro Preto. Tem experiência nas áreas de História Medieval, História das Mídias, História Pública, História dos Jogos Digitais, Oriente. Integrante do Laboratório de Estudos Medievais (LEME).

mostraria redutora do significado de Fraxinetum e das relações que manteve, do início ao fim, com al-Andaluz.

O ponto principal do artigo reside, portanto, na ideia de considerar o assentamento muçulmano de Fraxinetum não apenas como um reduto de bandidos. Essa visão parcial, que restringe a experiência dos *ghāzīs* de Fraxinetum, se devia, em grande medida, ao estudo centrado unicamente na perspectiva de cronistas latinos, os quais enfatizavam o caráter destrutivo do estabelecimento muçulmano provençal. Após fazer a crítica dessa perspectiva, analisando o discurso das fontes latinas, Ballan procedeu ao exame das fontes árabes, ampliando a compreensão do tema. Por sua proposta, mesmo sendo publicado em 2010, o artigo apresenta um caráter bem atual e encontra ressonância em propostas mais recentes de pesquisas preocupadas com o mundo mediterrânico medieval.

Sob a ótica das propostas de uma “história conectada” da Idade Média (BASCHET, 2017) ou em diálogo com as perspectivas do que se apresentou como uma “Idade Média Global” (MOORE, 2016), a leitura de Ballan é fundamental e, até mesmo, incontornável. Se, por um lado, o autor incentiva a pensar o Mediterrâneo da Alta Idade Média em suas diversas intercessões, por outro, contribui para um entendimento das relações entre muçulmanos e cristãos que não se pautem exclusivamente pelo viés opositivo ou destrutivo. O jogo de escalas que o autor apresenta, colocando em perspectiva a experiência de Fraxinetum, é algo a ser observado com atenção. Este jogo se manifesta em uma consideração do panorama geral das relações de poder entre Córdoba, o Norte de África e o Ocidente Europeu. Logo, a ocupação muçulmana da Provença, na Alta Idade Média, não deve ser pensada sem esse panorama.

Esse jogo de escala, além de impulsionar um olhar mais detido sobre a presença de marinheiros andaluzes no Mediterrâneo medieval, suscita duas importantes questões. Primeiramente, podemos demandar: quais os vínculos que Fraxinetum mantinha com Córdoba? Intimamente ligado a essa dúvida, em um segundo momento, propomos um segundo problema: qual o impacto das relações entre Córdoba e os demais poderes de seu tempo na história de Fraxinetum? Essas perguntas são importantes não apenas para pensar as especificidades de Fraxinetum, mas também para discernir o seu lugar em um Mediterrâneo conectado. A partir disso, o convite para leitura do artigo de Mohamad Ballan se apresenta como desejável, um interessante exercício para reconsiderar o Mediterrâneo sob um panorama mais complexo, diversificado, nuançado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BASCHET, Jérôme. Faut-il Mondialiser l'Histoire Médiévale? In: SOCIÉTÉ DES HISTORIENS MÉDIÉVISTES DE L'ENSEIGNEMENT SUPÉRIEUR PUBLIC. *Histoire Monde: Jeux d'Échelles et Espaces Connectés*. Paris: Éditions de la Sorbonne, 2017, p.13-36.

LAWERS, Michel. Des Sarrasins en Provence: représentations ecclésiastiques et luttes pour l'hégémonie en Méditerranée Occidentale du Xe au XIIIe siècle. In: RICHARTÉ, Catherine (dir.); GAYRAUD, Roland-Pierre (dir.) & POISSON, Jean-Michel (dir.). *Héritages Arabo-Islamiques dans l'Europe Méditerranéenne*. Paris: La Découverte, 2015, p. 25-40.

MOORE, Robert I. A Global Middle Ages? In: BELICH, James (ed.); DARWIN, John (ed.); FRENZ, Margret (ed.) & WICKHAM, Chris (ed.). *The Prospect of Global History*. Oxford: Oxford University Press, 2016, p. 80-92.